



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RENATA NEVES LEITE

(entrevista)

Sorocaba, SP

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em maio de 2019, em Sorocaba (SP). Da esquerda para a direita: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima e Renata Neves Leite .

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-917

Nome da entrevistada: Renata Neves Leite.

Local da entrevista: Sorocaba (SP).

Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 25/05/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora, 46 minutos e 24 segundos.

Páginas Digitadas: 38.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: LEITE, Renata Neves. Entrevista concedida por Renata Neves Leite ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SOROCABA (SP), 25 maio 2019, 41p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Paraibana de Futsal, Federação Paulista de Futsal, Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal e Federação Internacional de Futebol); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Sorocaba (SP), 25 de maio de 2019. Entrevista com Renata Neves Leite (R.L.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Renata Leite, dia 25 de maio de 2019, às dezenove horas e dezesseis minutos.

M.L. – Boa noite, Renata.

R.L. – Boa noite, Dôra.

M.L. – Qual teu nome completo?

R.L. – Renata Neves Leite.

M.L. – Data de nascimento?

R.L. – 14 de maio de 1976.

M.L. – Local de nascimento?

R.L. – Nasci na cidade de Monteiro, Paraíba.

M.L. – Escolaridade?

R.L. – Tenho graduação em Administração de Empresas.

M.L. – Profissão?

R.L. – Árbitra de futsal.

M.L. – Renata, gostaria que você me contasse como foi a tua infância e a tua relação com o esporte.

R.L. – A minha infância, ela foi uma infância de toda criança criada no Nordeste, em cidade pequena. Sempre brinquei muito na rua e o irmão mais novo era um menino. Então a gente sempre brincou de bola na rua com a molecada da vizinhança, né, jogava bola em casa, na casa dos vizinhos e daí começou a nascer a paixão pelo esporte. Na escola, eu sempre pratiquei atividade física e me dava muito bem nessas práticas esportivas. Fui jogadora de handebol, de voleibol, de basquete e eu tinha uma professora que se chamava Risomar e ela incentivava bastante a prática esportiva, então eu sempre fazia questão de estar nas seleções da escola pra disputar as competições escolares ou do município mesmo; daí surgiu essa paixão, esse amor pelo esporte desde cedo.

M.L. – Então você sempre teve no meio esportivo e como é que a tua família via esse envolvimento com esse esporte?

R.L. – A prática esportiva, ela veio depois dos nove anos de idade, né. Minha família apoiava, porque atividade física sempre era saudável, fazia parte do desenvolvimento da criança, era uma forma de manter a criança ocupada, vamos dizer assim [riso]. Então sempre tive muito apoio da família em relação a isso. Depois da fase infantil pra adolescência, enquanto não atrapalhasse os meus estudos, a prática esportiva não, nunca foi problema. Sempre foi bem quista por eles, não é? Começava ser problema quando eu deixava de estudar pra ir jogar bola [riso]. Aí eles não gostavam muito.

M.L. – Então você começa a se envolver com o esporte dentro da escola por volta de quando? Lembra?

R.L. – Eu começo a me envolver com o esporte dentro da escola eu tinha uns nove pra dez anos de idade. São oitenta e seis, mais ou menos, oitenta e sete, por aí.

M.L. – E além da escola, tinha algum outro ambiente que você se envolvesse com o esporte, além também da rua, com os irmãos, com os vizinhos?

R.L. – Clube da cidade, né? Minha mãe, ex-funcionária do Banco do Brasil, então a gente ia, tinha acesso a Associação Atlética Banco do Brasil e lá tinha quadra desportiva, tinha futebol de campo e tinha as piscinas. Então lá também tinham escolinhas que você poderia

participar e aí vem à integração normalmente com o esporte, através do clube da AABB, lá na cidade de Monteiro.

M.L. – E nesse contexto de tanta prática, como o futsal entra na tua vida?

R.L. – Como eu falei, o meu irmão mais novo, a gente sempre jogou bola. Embora naquela época as pessoas dissessem muito que futebol era coisa prá homem, eu brincava com ele e com os amigos dele sem nenhum problema. Eu vim estudar na capital e fazer faculdade. Um dia brincando na sala disseram assim: “Vai ter uma seletiva prá montar uma equipe de futebol de salão.” Eu fiz: ah, eu vou participar, né. Eu fui goleira de handebol. Vou me dar bem. E sei jogar bola, porque eu jogava bola com meu irmão. E aí eu fui prá essa seletiva, fiz alguns testes. Deu certo e em noventa em cinco, eu comecei a praticar futebol de salão pela faculdade, né, dentro da faculdade prá fazer parte da Seleção Paraibana de Futsal que tava se preparando prá ir pro JUB’s¹. O primeiro JUB’s que eu fui foi no Ceará, em noventa e cinco.

M.L. – Você acompanha algum esporte ou o próprio futsal regularmente?

R.L. – Eu acompanho o futsal regularmente. Assisto campeonatos na TV, procuro sempre estar informada em outros sites, em blogs sobre as informações que tão no esporte e acompanho também outras modalidades, porque eu também fui... não só trabalho com o futsal, trabalho também com outras modalidades de futebol como: o futebol de cinco, que é o futebol prá deficientes visuais. Então eu procuro tá sempre bem informada a respeito disso. Vejo vídeos, assisto jogos, porque é outra maneira de você poder aprender.

M.L. – Além de ter jogado futsal pela faculdade, chegou a jogar por algum outro time, alguma outra equipe?

R.L. – Os campeonatos da faculdade eram específicos, porque era o Campeonato Universitário que existia uma vez por ano. Quando a gente voltou do primeiro campeonato, que a seleção feminina foi muito bem, começaram a aparecer outros Campeonatos Estaduais Femininos de Futsal e alguns Campeonatos em cidades vizinhas. Então a gente

acabou montando uma equipe. O pessoal que fazia parte da mesma equipe da universidade montou uma equipe prá ir se aprimorando e disputando essas competições. Então eu disputei algumas competições dentro do estado da Paraíba e dentro do estado do Rio Grande do Norte.

M.L. – E nessa sua carreira como atleta de futsal, chegou a conquistar títulos importantes? Quais foram eles? Sabe precisar quando?

R.L. – Em noventa e cinco eu fui vice-campeã brasileira, no JUB's, nessa primeira competição; depois eu fui campeã brasileira em noventa e oito, em Guarapari; eu fui tricampeã potiguar nos anos de noventa e seis, noventa sete e noventa e oito; eu participei de uma Taça Brasil aqui em São Paulo, em Campos do Jordão, no ano de noventa e oito... noventa e oito, noventa e nove... não me recordo ao certo, mas foi por aí. Depois disso eu resolvi parar de tá como atleta e seguir minha vida de arbitragem.

M.L. – Quem foram os treinadores ou treinadoras que mais marcaram tua trajetória enquanto atleta?

R.L. – Olha, a minha treinadora da base, lá da escola, foi a pessoa que marcou mais a minha história enquanto atleta, a Risomar. O amor, a paixão que ela tinha pela Educação Física encantava. A forma como ela, sabe, ministrava as aulas, fazia com que a gente se apaixonasse pelo esporte, então eu devo muito dessa paixão pelo esporte, independente de que esporte, essa paixão pela prática esportiva, a essa mulher.

M.L. – E como a tua família reagiu vendo que Renata agora passou a levar o esporte a sério, tornou-se atleta, conquistou títulos?

R.L. – Minha mãe sempre foi uma pessoa muito clara em relação a essas coisas, né. Assim, eles prezavam muito pelo estudo, então... “Pagar prá estudar? Beleza! A gente paga. Você faz quantos cursos forem necessários. Paga faculdade, paga tudo. Agora, passou de um tempo que entrou da adolescência prá fase adulta, faculdade e coisa e tal, agora você quer viajar prá jogar? Pras práticas? Você precisa arrumar um emprego prá bancar esse outro

¹ Jogos Universitários Brasileiros.

lado.” E foi o que eu fiz. Chegou um ponto, o primeiro ano da faculdade, eu fui, arrumei um emprego, porque eu queria manter também as minhas viagens como atleta; então eu trabalhava, estudava a noite, treinava e isso custeava parte das viagens como atleta.

M.L. – As equipes das quais você participou, tinham patrocínios externos às instituições as quais pertenciam?

R.L. – Não. Naquela época não tinha isso. Naquela época você não recebia bolsa para jogar pela faculdade até porque também não era uma faculdade, não era assim a faculdade, vamos supor, a UNIPÊ² que vai participar dos jogos. Era a Seleção Paraibana Universitária, então eram atletas de todas as faculdades que tinham ali: ou da Estadual ou da Federal ou da privada, então a privada nunca... Eu estudei em faculdade privada, ela nunca me deu uma bolsa por ser atleta, por ser campeã brasileira universitária, por ter colocado, carregado o nome dela junto com esses títulos. Nunca tive esse tipo de incentivo por parte das instituições.

M.L. – E nessa trajetória como atleta, você fez amigos, amigas que foram marcantes?

R.L. – *Sim! Sim!* Fiz grandes amigos. Pessoas que mais na frente quando eu me transformei em árbitra e comecei a viajar como árbitra, eu fui descobrir que elas estavam naquelas competições que eu participei como jogadora, entendeu? Eu conheci a Madeline, do Ceará, que era atleta também na época que eu disputava o universitário. Ela também disputava e depois nós viemos a trabalhar juntas. Ela como anotadora da Confederação e eu como árbitra da Confederação. Eu reencontrei a Cida, a Maria Aparecida, de Santa Catarina, que estava na final do Universitário que a Paraíba foi campeã em noventa e oito, que foi contra Santa Catarina o jogo e ela estava em quadra naquele jogo. Eu vim reencontrar a Cida anos depois trabalhando como árbitra da Confederação e ela também como árbitra da Confederação.

M.L. – Os caminhos se cruzaram!?

R.L. – Com certeza! Com certeza!

M.L. – Renata, quando e por que você começa a arbitrar?

R.L. – Antes do Universitário, em Guarapari, eu participei de um Universitário em Santa Catarina. Nesse ano a equipe veio pro Universitário de ônibus, então foram três dias de ônibus da Paraíba até Santa Catarina [riso] com a delegação de outras modalidades, né. A gente viajou com a delegação do basquete, de modalidades individuais. Passamos três dias na estrada e quando cheguei lá em Santa Catarina que a gente começou a disputar a competição, me chamou atenção duas mulheres que tavam trabalhando lá. Uma árbitra chamava Railda [riso], acho que era esse o nome dela, e a outra se chamava Jaqueline; ambas do Distrito Federal, ambas de Brasília e eu achei interessante e eu sempre, sempre fui muito consciente assim, de que eu não seria uma atleta de alto rendimento a ponto de ter capacidade de jogar num clube fora da minha, fora de meu estado ou poder vim brigar por alguma coisa aqui no Sul, Sudeste, que era onde se praticava futsal forte, né? E ali eu enxerguei a possibilidade de continuar dentro do esporte, mas sem tomar tanta bolada [risos], né? Então numa conversa com o coordenador dos JUB's, muito interessante chamado de Samuel Gobel, perguntei a ele: por que essas moças apitam? Como é que elas fazem para apitar os jogos? Como é que faz? Então ele me disse: “Você tem que fazer um curso de arbitragem na modalidade que você quiser. Campo, salão, basquete... E aí depois que você tá formada, você começa a arbitrar os jogos e tem a possibilidade de vir prá essas competições.” Ah, tá. E quem ministra esses cursos? Como é que eu faço para saber que tá tendo curso? “Aí você tem que procurar sua entidade.” Então, se eu tinha que procurar a minha entidade, eu tinha que procurar a entidade da Paraíba. Eu fui atrás do meu treinador prá saber onde é que ficava a Federação Paraibana de Futebol de Salão. E ele falou que a Federação de Futebol de Salão da Paraíba tava fechada, tava sobre intervenção. Tinha um interventor. Beleza! Eu disse: isso quer dizer que não tem cursos? “Não. Isso quer dizer que não tem nada! Não tem campeonato, não tem curso, não tem nada!” No meio dessa conversa, o treinador da seleção masculina, que era o senhor Bosco Crispim, ouviu o papo. Ele e o cara da imprensa que tava acompanhando as seleções, que era o radialista [silêncio]. Puts! Não vou lembrar o nome do cara agora... Hérlton Soares, isso! Hérlton Soares e Bosco Crispim escutaram, né, e disseram assim: “Por que? Você tem interesse?” Ué, eu tenho interesse. Conhecer regra é bom. Era uma forma também de ganhar dinheiro para bancar minhas viagens. “Quando a gente voltar para a Paraíba, você fala comigo.”

² Centro Universitário de João Pessoa.

Certo. E aí quando eu volto prá Paraíba, eu fui procurar esse senhor. Ai o Bosco me deu um par de cartões, um apito e um livrinho. “Vá prá casa, estude. Amanhã esteja no Colégio Tal, na hora tal...” Eu: tá bom! Aí eu fui. Aí ele chegou, sentei, aí ele fez: “Tem alguma dúvida?” Aí eu fiz: ah, eu anotei aqui algumas coisas. Aí a gente começou a conversar, ele tirou umas dúvidas, aí ele olhou prá mim, me deu uma camiseta branca com o patrocínio de uma escola escrita assim: árbitra. “Agora vai apitar!” Fiz: você é louco?! “Não, não sou não. É jogo de pequenos. Você vai apitar.” E aí eu fui apitar, né. Eu sempre fui uma pessoa muito observadora, então eu já tinha visto outros árbitros arbitrando. Prestava atenção na posição, na postura, né. Aí fui atleta e eu sabia o que era falta e dali por diante, comecei a arbitrar esses jogos dessa competição que era promovida pelo Héerton e pelo Bosco, que se chamava Esporte Ação. Então o início da arbitragem se deu aí. A paixão pela arbitragem se deu em ver essas duas mulheres apitando, saber que existia uma possibilidade de continuar trabalhando com aquilo que eu tanto gostava, sem precisar tá tomando bolada e me jogando no chão [risos].

M.L. – Sabe precisar o ano?

R.L. – Noventa e oito. Aliás, final de noventa e sete e início de noventa e oito. Isso mesmo. E aí quando eu voltei prá Paraíba, depois que a gente voltou pro JUB’s, uns três meses depois, a Federação Paraibana foi reaberta, eleito um presidente e a primeira coisa que ele fez foi trazer um curso para a Paraíba. Eu tive a oportunidade de fazer esse curso. Quem ministrou o curso foi um árbitro chamado Catarina, que era aqui de São Paulo, e me formei árbitra nesse ano, noventa e oito.

M.L. – Era árbitro ou árbitro que ministrou o curso?

R.L. – Árbitro.

M.L. – Alguém te apoiou nessa decisão de tornar-se árbitra?

R.L. – Olha... vou dizer assim que apoio do tipo: “Vai lá. Faz.” Não. E também ninguém desestimulou. Ah, eu quero fazer, eu quero fazer. Fui e fiz. Houve muitas celeumas em

relação a... mas não que querendo, não era conteúdo, era informação, era conhecimento. Se ia servir ou se não ia servir e como eu tava dentro do meio esportivo, fui lá e fiz.

M.L. – E a família, as pessoas mais próximas, como é que reagem a essa tua decisão?

R.L. – Mulher, minha família... É como eu falei assim, ela não... prá ela não tinha problema. Eu poderia ser árbitra, eu poderia continuar sendo jogadora. O que eu não poderia era parar meus estudos e fazer disso... e nem deixar de estudar porque tinha um jogo ou ia prá algum canto, esse tipo de coisa. Enquanto eu tivesse me mantendo no caminho do estudo e do conhecimento, prá eles tava bom.

M.L. – Nessa época em que você começa a arbitrar, a se decidir a entrar nessa carreira, como é que tava o futsal? Havia muitos campeonatos, competições? Como é que era o cenário do futsal na década de noventa?

R.L. – Mais voltado pro masculino. Vou dizer assim, que noventa e cinco por cento voltado pro masculino. O que existia de feminino era um campeonato... na nossa região, no Nordeste, eram Campeonatos Estaduais, Municipais, coisas pequenas. Os grandes clubes continuavam sendo os daqui de baixo e Campeonatos Interestaduais eram raros, mas a nível universitário, pouca coisa.

M.L. – Você formou-se árbitra pela Federação Paraibana. Como é que Renata vai parar na Federação Paulista de Futebol de Salão?

R.L. – Eu me formo em noventa e oito árbitra de futebol de salão pela Paraíba, trabalho lá dois anos, entro pro quadro nacional em 2000. Em 2004 eu saí prá minha primeira competição nacional, então em 2004 eu vou para Belém do Pará e lá eu conheço outras árbitras, conheço outras equipes, conheço uma outra estrutura vamos dizer assim e aí começa... as portas começam a se abrir prá outras competições, aprimoramento. Cada competição que ia era um degrau que você subia. Hoje você vinha, fazia tal jogos. Na próxima competição você fazia jogos mais complicados. Aí você fazia semifinais e assim foi crescendo a paixão e vamos dizer que eu fui me aperfeiçoando. Fui me aperfeiçoando, fui me aperfeiçoando e a... vamos dizer que a pessoa que criou o Departamento Feminino,

que idealizou, que sonhou, que brigou pelas mulheres, a Inês dos Santos, começa a ver a possibilidade de que eu me daria muito bem na cidade de São Paulo como árbitra, né? Vamos dizer assim que, de uma certa forma ela apostou no meu futuro. “Nossa, você tem capacidade. Por que você não vai morar em São Paulo?” Mas como todo bom nordestino, sair de casa, da casa de mainha [riso], não era fácil. Então eu me saí durante alguns anos, depois da minha primeira competição, e em 2008, eu decido me transferir pro estado de São Paulo. Aí quando eu me transferei prá cá, já tinha o quadro internacional, né, que ele foi, o quadro foi criado em 2007, eu já tinha o escudo internacional, então eu já ia chegar na cidade de São Paulo sendo FIFA. Aí as possibilidades de crescer aqui, na minha cabeça, seriam muito maiores, porque eu já estaria aqui com o escudo FIFA.

M.L. – Você disse que o que a motivou tornar-se árbitra, foi ver Jaqueline e uma outra pessoa numa competição. Como é que foi esse curso? Qual o processo desse curso? Qual a duração? Como era feita a preparação para tornar-se árbitra?

R.L. – Pois é, como a Paraíba tava com interdição, o curso foi realizado em três dias: sexta, sábado e domingo. Ai você vai me dizer assim: “Como é que se forma um árbitro em três dias?” Três dias! Se forma desde que você busque o conhecimento. O conhecimento é passado, mas o resto não foi passado, os *detalhes* daquilo é você... você tem que buscar. É igual a uma faculdade. Os teus mestres te dão uma base, mas não te dão tudo. Ou você vai atrás ou você não se forma. Então foi um curso de três dias: sexta-feira, final de tarde e início de noite; sábado, o dia todo; domingo, o dia todo. No final do domingo a gente fez uma prova, alcançou a média e pela Federação está parada, ou seja, ela não tinha nada. Tinha os árbitros antigos que tinham meio que se perdido, tinha meia dúzia de pessoas só e ela precisava montar um quadro. Então nesse curso se formou eu, Alane Lucena que também veio a ser FIFA depois, Mayara Crispim que hoje é anotadora do quadro nacional e Diretora de Árbitros no estado da Paraíba e mais outras duas meninas que não seguiram carreira, não quiseram continuar no esporte.

M.L. – E você sabe dizer o por quê dessa intervenção junto a Federação paraibana?

R.L. – Olha, naquela época, eu não sei quais foram os motivos que a CBFS entrou com esse interventor. Não sei te precisar o que foi.

M.L. – Antes de você fazer o curso e tornar-se árbitra de fato e de direito, já arbitrava futsal?

R.L. – Já. Apitava esse... apitava o torneio que o Bosco Crispim e o Hérton Soares promoviam enquanto a Federação tava fechada. Então eles promoviam esses eventos prá que os clubes e as crianças pudessem praticar, né? Então esse evento era único e exclusivamente prá crianças. A gente trabalhava com atletas até dezesseis, dezessete anos de idade no máximo. Não tinha campeonato municipal. Então eu comecei a trabalhar com a base, com a criançada.

M.L. – Esses campeonatos aconteciam onde? Lembra?

R.L. – Aconteciam no Clube Campo Branco, em João Pessoa; aconteciam dentro dos colégios, o Colégio CA; dentro da quadra do Guarani, lá do Roger. Todos em ginásios ali dentro da cidade de João Pessoa.

M.L. – Qual foi a sensação ao receber uma camisa branca, um par de cartões, um apito e assim: “Vá lá e apite o negócio!”

R.L. – Eu achei estranho. Primeiro eu achei ele louco, porque ele não sabia se ia dar certo ou não. Eu poderia ir lá e apitar um monte de coisa errada, mas ele disse: “Não se preocupe. Eu estou aqui.” Então eu achei meio louco, mas parece até meio arrogante quando você fala assim: tava no sangue, você era atleta... então você sabe o que é aquilo. Como foi difícil! As primeiras partidas eram mais difíceis conter o nervosismo de chegar até lá, mas depois que você soprava o apito à primeira vez, tudo passava, então... A interação com as crianças, a interação com os pais - eu sempre fui muito palhaça - então brincava muito com os pais que estavam em volta. Sempre que uma criança caía, eu ia lá prá ver se estava precisando de alguma coisa. As mães gostavam por causa disso. Então essa foi a sensação. Primeiro eu achei uma loucura, mas depois eu me senti à vontade. Parecia que eu já tinha feito aquilo algum tempo.

M.L. – E você lembra quando e como foi o seu primeiro jogo como árbitra federada?

R.L. – Lembro. Eu não vou te precisar o nome das equipes, mas a minha primeira competição pela Paraíba foi o Festival de Abertura do Campeonato Adulto na cidade de Guarabira. O novo presidente levou todas as equipes inscritas prá disputar um festival de um dia nessa cidade sede e foi lá que eu fiz o meu primeiro jogo.

M.L. – Masculino ou feminino?

R.L. – Masculino adulto.

M.L. – E aí Renata tornou-se federada e passa a compor o quadro da Confederação. Como é que foi o primeiro jogo como árbitra confederada nessa tua trajetória como árbitra?

R.L. – Muda o escudo do peito, mas não muda a pessoa. Então, como os primeiros jogos como confederada foram dentro de casa, todo mundo de uma certa maneira já me conhecia a uns dois anos e sabia que... como eu era e como eu trabalhava. Então mudou só o escudo no peito. O resto... já era conhecida de todos [riso].

M.L. – Lembra qual foi a sua primeira competição como árbitra confederada e a categoria?

R.L. – Pela Confederação?

M.L. – Sim.

R.L. – Foi a Taça Brasil de Seleções, no estado do Pará, na cidade de Belém, em outubro de dois mil e quatro. A competição foi feminina.

M.L. – E aí Renata, nessa trajetória de Federação, Confederação, eis que chega a FIFA. A primeira competição enquanto árbitra FIFA, como foi? Quando foi?

R.L. – A primeira competição com o escudo da FIFA... Olha, a primeira competição com o escudo da FIFA eu não vou lembrar. Eu me recordo muito bem da primeira competição depois que todo mundo sabia que o quadro tinha sido criado. Que foi no final de dois e seis, em Salvador, na Bahia, no Campeonato Feminino. Estávamos as quatro lá: eu; a

Gisele Torri, de Santa Catarina; a Katiucia Meneguzzi, do Paraná; a Alane Lucena, na época tava no Ceará, mas ela é paraibana. Estávamos nós quatro lá, e o Paraguassu comunicou lá que o quadro feminino da FIFA tinha sido aberto e que ele tinha feito a indicação desses quatro nomes do Brasil e que agora o que tinha era que esperar a virada do ano prá saber se a FIFA ia homologar ou não os nossos nomes como árbitras internacionais. Desse fato eu me lembro. Agora do primeiro jogo...

M.L. – Lembra com quem foi, ao menos? Competição? Categoria?

R.L. – [silêncio] Não, não me lembro.

M.L. – Renata, quais foram, até hoje...

R.L. – Aliás, eu me lembro do dia que eu recebi o escudo. Do dia que eu recebi o escudo eu me lembro. Eu tava fazendo um jogo do Campeonato Paraibano, categoria de base, um jogo de menores – não me pergunte o jogo – e eu tava com um cara que era muito parceiro, muito amigo meu chamado Deilton Soares, árbitro da Confederação Brasileira lá da Paraíba. A gente tava lá fazendo o jogo e teve uma hora que pararam o jogo, pediram prá gente perfilar como se fosse cantar o hino nacional, a gente perfilou, ele foi lá, pegou um negócio da mão do Presidente. Pegou da mão do presidente uma coisa que eu não sabia o que era e disse assim: “Licença, minha irmã.” Eu disse: o que foi? Aí quando eu olhei, ele tirou o escudo da Confederação e colou o escudo da FIFA em meu peito. Agora, quem tava jogando, qual categoria era, isso eu não me lembro.

M.L. – Então recebeu o escudo internacional em sua terra natal!?

R.L. - Sim. Entro pro escudo, eu entro prá FIFA como árbitra paraibana.

M.L. – Você poderia citar quais foram os principais jogos que você já arbitrou?

R.L. – Vamos lá. Os mais queridos, né, os mais queridos [riso]. Olha, os mais queridos estão: a abertura da Copa do Mundo, Tailândia e Costa Rica. Na Copa do Mundo eu fiz um jogo, prá mim, foi o melhor jogo a nível técnico, que foi Itália e Portugal. Um jogo muito

complicado, que foi acabar só na prorrogação. Então essas foram as duas grandes partidas que eu fiz na Copa do Mundo.

M.L. – Lembra dos parceiros?

R.L. – O primeiro jogo, Tailândia e Costa Rica, trabalhei com Hector Rojas, do Peru. O jogo entre Itália e Portugal estava eu e o árbitro da República Tcheca, Karel; o terceiro árbitro, era o uruguaio Daniel Rodriguez; o crono, eu não vou lembrar quem era. Era alguém também da UEFA³, mas agora não me vem à cabeça não. Fora o Mundial, os jogos que me marcaram muito, aqui na cidade, aqui no estado de São Paulo foram: as três finais do Estadual. Eu fiz as duas finais em 2015, as duas finais em 2016 e a final em 2017 – que essa marcou muito a minha carreira, a minha história, o meu nome, por causa do lance do gol com um suposto cronometro zerado. A TV falou que o cronômetro tava zerado e se criou toda uma polêmica, uma celeuma em cima disso. Esse jogo específico entre Magnus e Corinthians tá ali naquele quadrinho de lembranças dos jogos mais, mais complicados.

M.L. – Masculino?

R.L. – Sim. Todos esses foram masculinos. Feminino? *Feminino marcante* prá mim? Foi o jogo aqui, que eu e a Aline fizemos entre Tabuão e um time do Paraná, pela Copa do Brasil do ano passado. Acho que é Cienorte o nome do time. Acho que é esse: Cienorte. Tabuão e Cienorte. Por quê? Porque nesse jogo teve expulsão, pênalti, gol na vantagem, boca costurada e foi um jogo onde o time da casa tava ganhava de muito, depois deixou empatar, depois perdeu, depois empatou de novo e foi um jogo muito bonito de se trabalhar, de... sabe? A sintonia entre as duas árbitras e o jogo em si foi muito interessante. Esse jogo feminino foi um dos mais marcantes prá mim.

M.L. – Como é a condução de uma partida de futsal masculina? Ela é diferente da feminina ou a tua postura é a mesma?

³ Sigla inglesa de Union of European Football Associations que em português significa União das Federações Europeias de Futebol.

R.L. – Olha, eu costumo dizer que eu apito do mesmo jeito, independente da categoria, se é feminino ou masculino, se é oito, nove, dez... Eu procuro seguir a minha linha de raciocínio em relação às regras e aplicação das mesmas. O que é que eu procuro tomar cuidado? Com competições menores eu tomo um pouco de cuidado com a forma de falar com a criança, com a questão de respeito, de saber que a tensão que ele tá sofrendo ali pode ser maior, mas do masculino pro feminino, eu não vejo diferença na questão do adulto ou do sub vinte. Pró mim é a mesma coisa, então eu entro na quadra com a mesma postura. Se eu tiver que ir prá cima, aplicar cartão, botar prá fora, entrar com o pé, como a gente diz: “vamos entrar com o pé no pescoço prá não deixar acontecer nada...” eu vou entrar; tanto no masculino como no feminino, prá mim pouco importa.

M.L. – Você parou de arbitrar em algum momento de tua carreira?

R.L. – Olha... Não, não. Que eu me recorde, não.

M.L. – Nenhuma lesão? Nada que te obrigasse a fazer essa parada?

R.L. – Vamos dizer assim... Pequenos afastamentos, né? Depois da confusão do jogo entre Magnus e Corinthians, em 2017... O jogo acho que foi vinte e dois, vinte e três de outubro. Depois disso eu pedi afastamento da Federação até o final do ano. Eu tava bem cansada, bem saturada com tudo que tava acontecendo e a repercussão desse jogo não foi muito boa. Eu recebi ameaça, né? Facebook, Messenger... essas coisas, então eu acabei dando uma pisada no freio, mas por conta de uma decisão de querer dar uma descansada mesmo. Lesão? As minhas lesões sempre me tiraram de quadra, no máximo, dez, quinze dias. Nada muito... Graças a Deus eu nunca tive nada muito sério e quando eu tive algo mais sério, sempre tive pessoas do lado que puderam fazer com que a minha recuperação fosse muito rápida.

M.L. – Além da arbitragem, Renata, você tem algum outro envolvimento com o esporte?

R.L. – Não.

M.L. – Além de você ser árbitra, de você ser... Hoje sua profissão é árbitra de futsal, né? Você tem alguma outra atividade paralela que faz e que é dentro do esporte ou extra mundo do esporte?

R.L. – Não. Trabalho só com arbitragem.

M.L. – Ministra cursos?

R.L. – Sim. Tem a escola que a gente faz palestras e serve como instrução prá novos árbitros, prá formação de novos árbitros. E algumas palestras que eles pedem por causa da história, por causa do nome, da história de ir pro Mundial, coisa e tal. Então, algumas palestras de formação de novos árbitros.

M.L. – No caso, essa formação de novos árbitros, é um curso que é referendado, que é chancelado pela Federação Paulista?

R.L. – Sim. Todos os cursos que eu ministrei aqui (São Paulo) foram chancelados pela Federação, os cursos que eu ministrei fora eram chancelados pelas entidades que me convocaram, né? Já ministrei curso na Paraíba, uns dois ou três, e aí eles fazem o convite, pedem permissão a Confederação e a Federação Paulista, e eu vou ministrar o curso lá, mas o curso deles – eu sou vou como palestrante.

M.L. – E pela CONMEBOL? Você já chegou a dar palestras e/ou realizar trabalhos técnicos com as árbitras? Porque afastou-se do quadro enquanto árbitra, mas como é que fica Renata Leite dentro desse cenário internacional?

R.L. – É... O ano passado eu recebi o convite do César Figueiredo da CONMEBOL, que é o nome forte hoje do futsal dentro da entidade, dentro da arbitragem, né, e ele me levou prá duas competições, porque o interesse, o projeto da CONMEBOL é criar um núcleo feminino prá trabalhar com o feminino. Então eles querem preparadora física, eles querem fisioterapeuta e eles querem uma instrutora técnica. O campo já caminha, já tem um bom desenvolvimento nesse parâmetro, certo? E o futsal agora tá começando a se adequar, então eles me levaram prá duas competições ano passado. Eu fui pro Paraguai, prá o Sul-

Americano de Clubes Adulto Feminino, como instrutora e fui para o Chile, também no mês de outubro do ano passado, pro Sul-Americano Sub 20 de Seleções. Nessas duas competições eu fui como instrutora e lá eu não vou dizer que são palestras. Não! Lá a gente ministra, repassa algumas informações e *padroniza* informações, porque o grande problema da lei, da regra do esporte, é que cada um quer que ela seja aplicada do seu jeito e ela exige uma padronização de entendimento prá que todo mundo aplique sempre a mesma coisa. Então eles ministram esses cursos curtos antes dessas competições e então você vai lá e fala sobre assuntos específicos: o que é uma mão, o que é um bloqueio, o que seria uma falta com oportunidade manifesta de gol. Eu tive a oportunidade de trabalhar tanto com César Figueiredo como com Nestor Valente. O César é uruguaio e o Nestor é paraguaio. Ambos são instrutores FIFA dentro da CONMEBOL. Só existem eles dois como instrutores FIFA na CONMEBOL. Do futsal.

M.L. – Como é a sua rotina prá você exercer esse seu trabalho de arbitragem, essas suas palestras, esse seu envolvimento com outras atividades, além de estar dentro de quadra?

R.L. – Olha, no trabalho da arbitragem a gente precisa estar bem psicologicamente, fisicamente e tecnicamente. Eu treino prá tentar manter o meu condicionamento físico sempre no melhor possível. Eu tenho feito cursos com colts prá melhorar a questão de equilíbrio emocional, de desempenho emocional, né, emocional e psicológico. Eu acho que isso ajuda na nossa profissão. Quanto à parte técnica, eu aproveito o trabalho como instrutora, eu preciso montar aulas para ministrar essas regras que eu preciso aplicar dentro de quadra; então através das aulas que eu preciso montar, eu acabo estudando e alimentando a árbitra e em contrapartida eu fomento a instrutora e aí eu consigo dar um direcionamento prá esses dois pontos. E a instrutora, além do conhecimento em regras, eu preciso, se der certo realmente essa história da CONMEBOL, eu preciso melhorar o meu espanhol, então eu acabo estudando línguas, eu acabo ouvindo música em espanhol, filmes em espanhol, prá poder melhorar o meu ouvido, né, por questão auditiva e me comunico com as meninas da CONMEBOL, com as árbitras que trabalharam comigo quando eu era árbitra FIFA, prá melhorar minha escrita e agora eu estou começando a montar alguns materiais também em espanhol, justamente prá ir trabalhando essa questão do dar a aula em outra língua que não é a sua língua principal, que é o português, né? Então tô

começando a montar materiais também com essa questão do espanhol prá tentar melhorar esse outro lado da instrutora.

M.L. – Além de você falar português, também fala espanhol?

R.L. – É, vamos dizer que a gente *habla um poco* [riso]. Dá pro gasto. Vamos dizer que de fome eu não morro [riso]. O inglês, o inglês, diria assim... Meu inglês na verdade é muito fraco. Eu tenho um bom ouvido prá questões técnicas, então se houver uma discussão de regra em inglês, eu consigo entender, porém eu não consigo me expressar para falar. Eu acho que eu tenho tanto medo de falar errado que eu travei, né? Mas na Copa do Mundo, por exemplo, tudo era dito em inglês e você tinha um tradutor direto no seu ouvido que traduzia prá língua que você queria: espanhol, francês, alemão, enfim, não tinha tradução pro português. Do meio pro fim do Mundial eu já não usava tradutor quando eles iam dar aula em inglês, porque eu sabia do que eles estavam falando. Meu ouvido se adaptou as informações, mas as informações técnicas. Se você colocar duas pessoas conversando sobre o dia a dia, em inglês, na minha frente, eu vou entender trinta, quarenta por cento do que eles falam e não vou saber do resto do conteúdo.

M.L. - Quando você ministrou esses dois cursos pela CONMEBOL, você os fez em português ou teve que usar o espanhol?

R.L. – Eu fiz em espanhol, porque as árbitras, oitenta, não, tirando as brasileiras que eram quatro, todas as outras falavam espanhol. Então eu fui obrigada, vamos dizer assim, a me adaptar; como também fui obrigada a me adaptar quando comecei na arbitragem a viajar pro exterior, né? A CONMEBOL é dez países. Dos dez países, o único que fala uma língua diferente é o nosso. Não achava justo que elas tivessem que se adaptarem ao meu português quando seria muito mais fácil eu me adaptar ao espanhol delas. Então todos os cursos, todas as informações que eu ministrei foi em espanhol. Lógico! Um pouco envergonhada, errei algumas palavras, algumas coisas, mas elas com toda paciência do mundo me ajudavam durante as aulas e acho que foi bom.

M.L. – E como é que fica a questão da organização de seu treinamento físico, porque você apita jogos de alto nível, de alto rendimento? Como é a preparação física da Renata árbitra para mediar essas competições?

R.L. – Olha, eu faço academia. Atualmente eu tô com uma personal que passa uns treinos, me passa os treinos e eu faço na academia ou na rua, seja lá onde for, mas na grande maioria das vezes é sempre só e sempre no momento que intercala – se eu tenho jogo dos Campeonatos Municipais aqui da cidade de Sorocaba à noite, eu treino de manhã corrida e à tarde eu vou prá academia fazer musculação; se é um jogo mais pegado, de alto rendimento como você fala, vamos supor um jogo entre duas equipes de Liga Nacional, aí eu faço só musculação e não faço trabalho de corrida e nessa dança você vai tentando manter a qualidade física num patamar razoável.

M.L. – Quando você... Se você fizer hoje uma análise da questão física, as competições te exigem mais rendimento físico do que quando você começou a arbitrar?

R.L. – Ah, com certeza. O jogo hoje tá cada vez mais rápido, cada vez mais rápido. Os atletas têm tido uma preparação, um trabalho de preparação física muito maior hoje em dia, certo? A bola, o material da bola muda e fica mais rápido; o próprio material do piso das quadras têm mudado e tornado o jogo mais rápido, mais dinâmico. Então eu acredito que o árbitro, ele precisa se preparar igual. Se o jogo está se tornando rápido, ele precisa se tornar mais rápido ainda, porque enquanto na quadra existem quatro, cinco atletas de uma mesma equipe, da minha equipe só existem dois prá ver os outros dez que estão dentro de quadra. Então quanto melhor fisicamente você estiver, melhor você pensa, porque se você tá cansado, você não consegue pensar; então, físico bom, mente boa; mente boa, técnica boa.

M.L. – Você relata que hoje sua profissão é árbitra de futsal. Você é uma exceção à regra. Como é trabalhar com árbitros ou árbitras que têm no futsal apenas uma função e não uma profissão, nessa demanda hoje que é crescente com relação às questões técnicas, físicas...? Como é que é essa parceria?

R.L. – Olha, parcerias saudáveis. A gente procura entender e de certa maneira eu até gostaria de ter como profissão ah, sei lá, biologia, geografia ou um banco, né? Ah, como

profissão eu sou dona de casa e ter o futsal como um complemento, como uma paixão, como hobe, como ele já foi anteriormente, né? Eu era gerente de hotel e árbitra de futebol. Qual era sua atividade, qual era sua profissão? Gerente de hotel. Então eu já tive do outro lado, mas quando eu falo que a minha profissão é ser árbitra de futsal é porque eu olho prá ela, independente se meu ganha pão é isso ou não, como profissional. A grande maioria das pessoas olha pro esporte futsal como amador. Eu *recebo* prá estar dentro de quadra, então eu tenho que dar o melhor de mim para aquele jogo. Mesmo que esse melhor seja só um por cento. “Ah, hoje o que eu tinha prá te dar foi vinte por cento do meu eu”, mas eu tenho que te dar esses vinte por cento, porque no dia que eu tiver cem por cento, eu vou te dar os cem por cento. Então o grande problema é esse: é que as pessoas olham e dizem assim: “Eu não tenho a arbitragem... a arbitragem não é profissional, porque não tá escrita lá, não existe lá a Carteira de Trabalho”. “Você não recebe dinheiro prá tá lá? Você é pago prá tá lá, então você tem que agir como um profissional que está sendo *contratado* por alguém prá exercer uma função que é dirigir um jogo de acordo com as regras.

M.L. - E como é que fica a questão de você estar se atualizando? Você faz isso com qual periodicidade? Por quais meios?

R.L. – Internet, TV. Eu digo que assistir partidas de futsal é uma forma de aprender, porque você tem como aprender com o erro alheio, né? Existem duas maneiras de aprender: pelo amor e pela dor. Então eu prefiro que seja pela dor dos outros [risos], né? Então eu observo, aquilo não é bom, eu não faço e aprender com os meus próprios erros. Quando acontece comigo também, porque chega uma hora que acontece com você. Aí você diz: “Opa! Esse é aquele lancezinho de que você deveria ter observado e não ter feito. Agora você tá no lugar do outro”. Então eu assisto muitos jogos buscando esse aprimoramento, olhando pro jogo de uma maneira diferente, porque quando você assiste ao jogo, eu não olho pro jogo mais como expectadora. No futebol de campo eu, às vezes, nem consigo assistir o jogo como expectadora e olha que a minha prática não é o futebol de campo, é o futsal, que tem algumas regras diferentes, que tem algumas coisas diferentes e eu ainda olho pro campo fazendo uma análise da arbitragem. Eu procuro blogs informativos, trocar informações com pessoas que estão num nível de conhecimento melhor do que o meu, acima do que o meu, são instrutores como o César Figueredo, do Uruguai, o Nestor Pahlente, o Pedro Galan, na Espanha. Então eu tenho dúvida, eu pego o

vídeo, mando prá eles, faço perguntas, indagações, escrevo, escrevo prá eles o que eu estou pensando, em que ponto da regra eu estou querendo incluir aquele lance prá ver se o meu raciocínio está certo; quando não, que eles me dão a resposta, eu devolvo a resposta enquadrando a resposta deles dentro de um ponto de regra prá poder fazer com que a minha mente compreenda o que eles realmente querem passar. Então eu tenho o meio do visual, tenho o meio dessa questão de blogs, de contato com outras pessoas e tenho a leitura em casa, que como diz a Giselle Torri, minha amiga, eu tenho um caso de amor com o livro de regra [riso]. Então eu sou uma pessoa que está sempre com ele [riso], lendo, rabiscando, desenhando, procurando entender, procurando uma coisa ou outra. Eu digo pros meus alunos que se você ler uma regra por dia, em dezessete dias você acabou com o livro de regras. Aí eles: “É professora, dezessete só. Tá vendo?” Ninguém leu aquele livro de regra há dezesseis dias. “Por que isso?” “Porque são dezessete regras, mas na regra onze não tem escrito nada. Então nesse dia você não precisa. Vai ler a doze. Vai pular uma regra”. Então é mais ou menos por aí que eu procuro me manter atualizada.

M.L. – Além da Renata árbitra de futsal, você citou aí o fut5... Também adentrou no mundo do futebol?

R.L. – Eu tenho formação em futebol de areia, que é o *beach soccer* - cheguei a ser árbitra do quadro nacional; eu trabalhei, tenho formação no futebol de campo, trabalhei no futebol de campo profissional na Paraíba - um ano e meio, mas trabalhei; eu tenho curso de futebol *society* ou futebol de sete, como outras pessoas chamam, mas nunca atuei – eu fiz por curiosidade, prá ter o curso; e agora eu tenho curso de futebol de cinco, que é o futebol prá deficientes visuais, que eu conheço desde que eu estava lá na Paraíba, mas nunca tinha tido a oportunidade de participar de eventos e de ter um curso e há uns cinco atrás, mais ou menos, o Nelson Glock, do Paraná, que era o Diretor Nacional, me convidou, perguntou se eu queria e eu disse a ele que queria; então ele me mandou prá uma competição, aí eu fui junto com ele, aí a gente foi discutindo regra, regra, regra. Hoje eu faço parte do quadro nacional da CBDV, que é a Confederação Brasileira de Deficientes Visuais, e vamos dizer que o que eu, que o prazer que eu tinha pelo futsal no início da minha carreira, hoje eu tenho pelo futebol de cinco. É uma coisa que me faz me sentir parte do jogo, que me deixa muito gratificante, que me é muito gratificante - é trabalhar com o futebol de cinco.

M.L. – Lidar com esse universo novo é tão prazeroso como no início da tua carreira?

R.L. – Sim. Lidar com esse universo é ilimitado. Ele é ilimitado de possibilidades, porque uma pessoa que não... muitos não nasceram vendo, então eles não sabem cor, não sabem nada, mas pelo som de uma voz, pelo som de um quizo de uma bola, eles conseguem saber onde a bola está, pisar nela, bater na bola e jogar a bola no pé do outro companheiro que está do lado oposto da quadra. Então assim, é uma prova de superação, é uma prova de que não existe limites de vida, é uma prova de que situações existem prá serem superadas, prá serem vencidas, prá serem resolvidas. Então eu acho que eles me ensinam muito mais do que eu ensino a eles, por isso que eu gosto tanto do fut5, porque sempre que eu tô em uma competição, eu aprendo uma coisa diferente.

M.L. – Nas competições de fut5 há equipes femininas?

R.L. – Não. Nunca vi uma equipe feminina de fut5. É sempre tudo masculina. Você até vê pessoas com deficiência na arquibancada, acompanhando, mulheres, mas nunca as vi jogarem.

M.L. - Renata, tua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, ela mudou durante esses anos de exercício de arbitragem?

R.L. – *Já*, já mudou muito. Eu costumo dizer assim, que eu era carvão. Eu era carvão e com o passar do tempo vim sendo lapidada, lapidada... O tempo vai ensinando a você que dar soco no concreto machuca, que dar soco na madeira machuca, que soco ao vento não adianta, que o bom é você socar almofada porque é mais suave; então você vai aprendendo com a vida e acaba que durante esse tempo você muda, você vai mudando um pouquinho aqui, ali, prá aperfeiçoar o trabalho e aperfeiçoar você enquanto pessoa, porque embora seja uma prática esportiva, é uma interação entre pessoas. Você tem que interagir numa partida de menores, por exemplo, com quinze atletas de um lado, quinze atletas do outro - são trinta pessoas - se você colocar duas pessoas na comissão técnica dentro da quadra, são trinta e quatro pessoas, mais a sua equipe, são trinta e oito pessoas envolvidas dentro de uma quadra de jogo prá tomar decisões e interagir sobre uma coisa, sobre a disputa de um esporte coletivo onde existem paixões, onde existem problemas, onde existem superações e

você também tem que aprender a lidar com isso porque não é só você que sente dor, que é alegre, que fica triste, o outro também sente dor, fica alegre, fica triste, o outro chora, o outro tem problema em casa, o outro perdeu a mãe ou o outro perdeu o pai e querendo ou não, se você não interage com essas pessoas de uma forma saudável, você acaba criando muito problema, criando mais problemas do que soluções. Então a maneira da Renata trabalhar nesses vinte e um anos de carreira, mudou muito. Eu era um bicho muito bruto [riso], né? Eu era como o povo diz: “cabra da peste, mesmo!” Daquela que não andava com o cartão vermelho na cintura, eu andava com uma peixeira quarenta polegadas mesmo, ali na cintura e... brincou, não leu [riso], o pau comeu. Ia lá e metia mesmo... E com o passar do tempo eu fui vendo que existem formas e formas de você expulsar alguém, né? Você pode expulsar alguém com um vermelho ríspido, no meio da testa, e você pode olhar prá ele e ele simplesmente, pelo seu semblante, olhar prá você e dizer assim: “Desculpa, professora. Eu errei. Já tô saindo”.

M.L. – Então a Renata hoje, é uma Renata mais mansa, mais serena?

R.L. – É, eu posso até dizer que hoje eu tô meio fala mansa, mas de vez em quando... bate o momento *La Fon* e aí eu volto a ser aquele *cabra da peste* lá da Paraíba.

M.L. – E assim, essa mudança na tua condução, no teu mediar de partidas, foi percebido por outras pessoas? Há comentários externos a você?

R.L. – *Sim, sim.* Isso se faz visível no nosso dia a dia. As pessoas que acompanham seu trabalho, seus companheiros de quadra. As pessoas que acompanham seu trabalho acabam enxergando isso e as equipes também acabam vendo isso.

M.L. – E aí, a percepção da mudança é positiva? Como é que é essa percepção?

R.L. – A percepção de uma mudança positiva, porque você pára de ser aquele tronco de madeira que bate, prá você ser uma pessoa que na hora que é necessário, você é dura, mas ao mesmo tempo, você pode ser dura sendo suave, falando com tom de voz mais brando, tendo atitudes mais humanas, procurando entender que o outro pode errar e erra, como você também pode errar e erra, né? Eu me lembro, você falando dessa história de mudança,

eu me lembrei de um fato que aconteceu há uns quinze dias atrás dirigindo uma partida se sub nove. Crianças de nove anos e a torcida enchendo o saco, enchendo o saco e houve um lance no meio da quadra... Eles são muito pequenos e os pais reclamam de tudo. Encostou no filho, caiu, já dá aquela gritaria. O moleque tomou um trampo, eu dei a falta. Quando eu levantei a cabeça, o companheiro dele tinha recebido a bola no lado oposto e tava cruzando a bola no meio da área pro outro bater no gol. Então assim, eu perdi a oportunidade de uma vantagem. Houve aquela chuva de gritos, aquela chuva de reclamações. Se fosse a Renata de antigamente, ia parar o jogo e mandar limpar o ginásio. A Renata de hoje sabe que cometeu um erro, então ela primeiro entendeu que o que eles tavam falando, quer dizer, o que eles tavam reclamando fazia sentido, pois eu poderia ter esperado um pouquinho prá tentar dá a lei da vantagem e não esperei. Eu saí da posição que eu estava e fui até o treinador e pedi desculpas pelo meu engano e continuei a partida. Ao término da partida, eu atravessei a quadra e fui falar com os pais. Pedi desculpa a eles por ter me afobado naquele momento e não ter respirado antes de decidir se eu poderia esperar um pouco prá dar a vantagem ou levantado a cabeça prá ver onde é que a criança tava. Pedi desculpa e aí talvez a Renata de vinte e um anos atrás, não fizesse isso; não fizesse isso, porque ela já tinha limpado o ginásio [riso], então não ia ter ninguém prá falar com ela.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁴

M.L. – Renata, alguma regra ou forma de organização das árbitras na Confederação, com relação ao conduzir das partidas, mudou ao longo dos anos?

R.L. – Com a criação do quadro em 2002... como cada uma apitava em seu estado e aí você acaba tendo vícios do trabalho que você faz dentro de sua casa, então com a chegada do quadro nacional, a gente começa a fazer uma padronização e um trabalho de melhoria com essas árbitras, individualmente, prá que elas se tornem, como é que eu posso dizer, multiplicadoras. Então elas acabam evoluindo nas competições e passando isso mais a diante em seus estados.

⁴ A entrevistada atendeu ao telefone celular.

M.L. – Após a normatização do acesso de árbitras a quadra de jogo, na década de 2000, conduzindo as partidas, acha que mudou alguma coisa no cenário do futsal nordestino e/ou brasileiro?

R.L. – Eu acho que com a chegada das mulheres, é... primeiro teve aquele choque cultural da questão de preconceito mesmo, de uma mulher tá dirigindo uma partida de futsal masculino, e com o passar dos anos esse preconceito veio caindo, porque elas começaram a mostrar que tinham qualidades iguais as dos homens e não deixavam nada a desejar. Então com o passar do tempo a mudança que teve foi justamente essa, hoje as meninas chegam ao quadro, no cenário do futsal e elas têm uma aceitação muito maior em prol das que vieram anteriormente e conseguiram provar que tinham capacidade de estar ali.

M.L. – Como é tua relação dentro das instituições as quais você pertence e pertenceu? A Federação, a Confederação, quando estava no quadro da FIFA?

R.L. – A minha relação sempre foi muito boa com as instituições, né? Eu tenho um senso de... minha *colt* fala que eu tenho um... é... que eu sou muito ligada em regras, então eles determinam as regras e eu sigo, porque nós não temos muito prá onde correr.

M.L. – E com relação às outras árbitras, esse relacional dentro das instituições?

R.L. – Olha, eu sei de algumas colegas que têm dificuldades dentro das suas entidades, porque [pensativa]... O trabalho dentro de cada entidade depende de quem comanda, né? Então vai dependendo muito de quem tá ali prá comandar e algumas pessoas são a favor de mulheres, outras não. Então eu sei que algumas colegas têm dificuldades e outras também não têm. Então vai variando muito de estado prá estado.

M.L. – Dentro das instituições há o sentimento de ajuda às meninas que estão chegando? De acolhimento? Como é esse relacional, esse interpessoal?

R.L. – Vou falar aqui por São Paulo, porque não posso falar em relação aos outros cantos que eu não estou, né? Mais... é... em relação aqui a São Paulo, a gente tenta pegar as novas árbitras e fazer um trabalho de adaptação prá que elas fiquem mais à vontade e possam

exercer um trabalho melhor do início e se desenvolver nesse parâmetro de início de trabalho.

M.L. – Ao longo da sua trajetória, você acha que recebeu, em algum momento, tratamento diferenciado por ser árbitra?

R.L. – Não, nunca. Nunca tive esse tratamento diferenciado por ser uma mulher no meio de homens. Muito pelo contrário, a gente sempre teve que matar um leão por dia prá mostrar que tinha capacidade. Não adiantava falar do leão de ontem... Senão matar o leão de hoje... não adianta nada.

M.L. – A sua relação com dirigentes, comissões técnicas, jogadores, jogadoras, sempre transcorreu de forma tranquila?

R.L. – Sim. Alguns conflitos por causa da questão de marcação de jogo, do que era, do que não era, mas acabava o jogo, eram sempre saudáveis as conversas, as indagações. Nada. Nunca tive problemas mais sérios quanto a isso não.

M.L. – E com relação às torcidas, ao longo de seus inúmeros anos de arbitragem, quais as manifestações mais comuns já ocorridas? Já recebeu xingamentos, esse tipo de coisa?

R.L. – Olha, xingamento de torcida é o mais comum, né [riso]? É a grande vertente do momento. Os caras saem de casa prá ir lá só desabafar e colocar prá fora, com toda raiva que ele tava do chefe [riso], da mulher, seja lá do que for, e aí ele vai prá lá prá descontar na arbitragem este tipo de coisa. Mas vamos falar dos momentos positivos que é mais interessante. Em alguns cantos que eu já fui e que eu vou, eu encontro torcidas que me recebem muito bem. Eu acho que por causa do fator de ser mulher ou de ter mesmo acompanhado o trabalho que é feito durante todo esse tempo. Então eu já cheguei a ginásio que antes de começar o jogo ou atravessar a quadra prá me posicionar, a torcida gritar por meu nome, como se eu fosse um membro de uma equipe, um jogador, entendeu? Então isso é muito saudável e nem sempre é assim, mas existem lugares que são assim, que os torcedores também reconhecem e elogiam. O jogo começou, o apito trilou, aí a parte de

elogio pára temporariamente [riso] e entra o emocional que é a torcida pela equipe e aí volta pro xingamento.

M.L. – No geral, tu achas que existe alguma diferença de tratamento e de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

R.L. – Olha, eu vou te dizer que... [pensativa]. Existe um tratamento diferenciado no meu, na minha concepção, muitas vezes, em relação a escalas, certo? Às oportunidades de trabalho que são dadas prá cada um, mas tirando isso... na hora que você erra, você é chamada atenção da mesma forma.

M.L. – Com relação às escalas, qual seria essa diferença de escalas?

R.L. – Eu visualizo que a gente trabalha bem menos do que os meninos. Às vezes, por uma questão de aceitação, por uma questão dos superiores terem medo do que possa acontecer ou da... colocarem em cheque a capacidade individual de cada uma. Então ainda existe um pouco, mesmo depois desses o quê? Desses vinte anos? Não! 2000... dezanove anos de quadro feminino, dezanove anos mostrando a capacidade das mulheres em Mundial, né? Mulheres fazendo jogos de suas... finais estaduais. O Paraná, no ano passado, colocou equipes femininas em finais do masculino do seu Estadual. Então mesmo isso sendo uma crescente, às vezes, ainda existe um pouco de preconceito em relação ao trabalho da arbitragem feminina.

M.L. – Ao que você atribui o número reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

R.L. – A falta de fomentação no... nas instituições, individualmente, certo? Como as escalas acabam sendo mais reduzidas e o tratamento acaba sendo menor, você... Numa instituição menor você tem campeonatos femininos em pouca quantidade. Então, se a mulher vai só prá fazer o feminino e tem pouca quantidade, não vale à pena trabalhar nessa instituição, porque eu vou tá dando muro em ponta de faca. Se eu tô numa instituição maior, onde ela valoriza o trabalho da mulher e tem grandes competições femininas, eu trabalho mais, se eu trabalho mais, eu apareço mais, se eu apareço mais, *outras meninas* se espelham no meu trabalho e desejam vir trabalhar também. Então hoje o Paraná é

referência nisso. Tem um quadro com quase ou mais, eu não sei ao certo, quarenta e sete mulheres só no apito, fora anotadoras. Então eles estão investindo fortemente nesse lado da mulher apitando, porque eles acreditam na capacidade de que a mulher tem condições de dirigir partidas e com essa motivação do ano passado, deles terem colocado mulheres em todas as finais das séries masculinas, ou seja, a Katu apitou a série ouro; teve um quarteto feminino que apitou a série prata, uma das finais da série prata; teve duas meninas que estiveram na final da bronze. Então *isso* faz com que as pessoas que estejam de fora, as mulheres que estejam de fora digam: “Opa! Aqui vale a pena, porque se eu fizer o curso, se eu vier trabalhar, os caras vão apoiar!”

M.L. – O que você acha que poderia ser feito então para que nós fomentássemos esse aumento no número de mulheres na arbitragem do futsal tanto nordestino quanto brasileiro?

R.L. – Acredito que é... valorizar o quadro feminino independente do estado ou da região que esteja colocando ela prá, prá questão de vitrine também. Se você mostra que existe, aparecem novas; se você esconde, não aparecem novas porque ninguém sabe que existe. Então quando você pega árbitras de *qualidade*, estou falando *em qualidade*, não adianta ser só mulher. “Ah, mulher bonitinha, coisa e tal, vou colocar prá apitar a final”. *Não! Não é isso*. Tem que ser uma *boa árbitra*, uma árbitra com condições técnicas, com condições físicas, com condições táticas, com condições emocionais de estar ali. Então, prá fomentar isso você precisa trabalhar elas, vindo elas, trazendo elas da base até em cima e quando ela estiver pronta você precisa a deixar voar. Então você precisa proporcionar a ela oportunidades prá que ela possa mostrar prá todo mundo que tem condição de trabalhar.

M.L. – Você percebe alguma diferença na condução das partidas, no portar-se, entre as árbitras oriundas do Nordeste e as de outros estados? Você já tem uma rodagem bastante grande...

R.L. – A gente que veio do Nordeste é... vamos dizer assim, que o trabalho, ele é mais bruto, então ele é mais rápido. Você se forma e você tá pronto prá qualquer competição. Você já vai apitando menores, você vai apitando adulto, você vai apitando masculino,

feminino, não importa, você vai fazer o Campeonato extra-oficial do SESC⁵, do SESI⁶, você vai pegar Campeonato de Empresa e você vai no dia a dia tomar porradas, né, desde a sua primeira escala. Aqui no Sul é... o trabalho é diferenciado. Então é como se você passasse um tempo trabalhando na base, um tempo trabalhando no... sair da base, que a gente chama base prata, vai prá base ouro, depois passa um tempo fazendo sub 20, aí começa a pegar um principal ou outro, dependendo da equipe, até conseguir pegar as principais e brigar com os meninos em nível de igualdade. Isso, às vezes, leva um certo tempo. Então a vantagem que eu vejo nas árbitras nordestinas é que a gente é meio que forjada no ferro, sabe? No fogo. Joga ali no meio do buraco e deixa ver no que dá.

M.L. – Renata, o que é ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro? Você que é oriunda da Paraíba...

R.L. – [pensativa]. É ser como diz o... o ditado da minha terra [riso]. “É ser mulher macho sim, senhor. É ser cabra da peste!” É ressaltar que a nossa, a nossa vida não é fácil desde o momento em que nós nascemos, porque é uma região sem água e sofrida e nós somos sobreviventes, mas que mesmo passando por tudo isso, a gente não perde o brio, a gente não perde a vontade de lutar, agente não perde a alegria [riso]. Então ser árbitra nordestina é isso: é saber que todo dia é uma luta, que você não pode desistir porque esse sentimento tá dentro de você. O nordestino, ele não desiste nunca. Ele é um lutador, ele é um sobrevivente e ter alegria porque mesmo com as dificuldades, as vitórias, elas virão. Elas virão aos poucos como vem a chuva, um pouquinho ali, um pouquinho acolá, aí um tempo o chão fica esverdeado, você fica feliz; outro tempo o chão fica mais cinzento e aí bate aquela tristeza, mas você sabe que um dia a chuva volta. Então é mais ou menos isso. É ser um *cabra da peste* imaginando e tendo a certeza que vão existir dias de glória. [Me arrepiei durante a transcrição desta fala. Muito emocionante! Muita sensibilidade!]

M.L. – Quais foram às maiores barreiras que você encontrou ou enfrentou ao longo de sua carreira como árbitra? Você chegou ao ápice, né, árbitra internacional, apitando Mundial Masculino – fato inédito em nível de FIFA... Então como é? Quais foram às maiores dificuldades que você enfrentou nessa trajetória tua que foi e é brilhante?

⁵ Serviço Social do Comércio.

⁶ Serviço Social da Indústria.

R.L. – Olha, a maior barreira que eu enfrentei e enfrento, né, porque ela não acaba, é o *preconceito*. O preconceito, ele até diminuiu, mas ele não deixou de existir. Então cada nova mãe de atleta que surge, porque a cada oito anos um homem vira atleta e aí ele tem uma mãe e um pai que viram torcedores e acham que seu filho é o Pelé, o Neymar, vai ser o Falcão... [silêncio]. Até ali eles não estão acostumados a lidar com isso. Prá eles futebol é coisa de homem e dá de cara com uma mulher ali dentro é um pouco estranho. Então o preconceito que vem de fora e principalmente o preconceito que vem, às vezes, de dentro do nosso ambiente, é... eu acredito que é a maior barreira que eu enfrento todos os dias. Não é uma questão de que: “Ah, enfrentei, passou e acabou”. *Não!* Eu ainda continuo enfrentando isso.

M.L. – Então dentro da própria equipe de arbitragem, você percebe esse barreirismo?

R.L. – *Sim! Sim!* Existem companheiros que gostam de trabalhar com mulher, tem companheiros que não gostam de trabalhar com mulher. Que eles acham que trabalhar com mulher, que mulher não sabe, não sabe apitar. Existem os machistas, né, que desvalorizam o nosso trabalho; hoje numa quantidade menor do que antes, sim! Mas continua existindo.

M.L. – Já sofreu, por parte da torcida, alguma rotulação vinda de mulheres enquanto torcedoras?

R.L. – Ah, infelizmente sim. Infelizmente é... é a parte que mais me incomoda, sabe? O torcedor dizer: “Vai lavar louça, vai lavar prato, vai lavar roupa...” entra por um ouvido e saí pelo outro - foram tantas vezes, né? Chamar de... disso, daquilo outro... passa! Me mandar prá aquele canto, passa! Xingar minha mãe, passa! Mas aí quando você escuta uma voz feminina vinda da arquibancada e pronunciando a frase: “*Vai lavar roupa!*” Aí eu fico pensando: “O que é que essa mulher quer dizer com isso? Ela quer dizer que nós duas só temos condição de lavar roupa?” Porque ela esquece que ela é mulher e muitas vezes ela é mulher com uma filha mulher no colo. Então ela tá determinando prá aquela criança, que ainda mal cresceu, que o futuro dela é lavar roupa pro marido ou pilotar um fogão. Então essa é a ofensa que mais me dói, que mais me incomoda, e aí nesses momentos, muitas vezes, eu não consigo me controlar, viro mesmo e questiono e paro o jogo e peço para colocar prá fora, porque é *inadmissível* uma *mulher tratar outra mulher com preconceito*.

M.L. – Que avaliação faz a respeito da inserção das mulheres do cenário do futsal nordestino, brasileiro, sejam como atletas, como árbitras, como dirigentes, como técnicas?

R.L. – Pode repetir a pergunta?

M.L. – Posso. Que avaliação faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e brasileiro sejam como atletas, como técnicas, como árbitras, como dirigentes?

R.L. – Olha [pensativa], é uma *crescente*, tá? Tem sido uma crescente. As mulheres hoje, elas têm mostrado capacidade de assumir determinadas... mais, cada vez mais funções diferentes dentro do futebol - e não é uma questão só de futsal, é do futebol em geral. Então essa avaliação tem sido muito positiva com o passar dos anos, porque a gente tem buscado, cada vez mais o nosso espaço, independente de qual seja a opinião da sociedade ou a opinião... “Ah, aquele esporte é único e exclusivamente masculino, mas tem uma treinadora”. “Ah, é... futsal. Deveria ser um fisioterapeuta. Por quê? Não, porque são homens e aí, como é que entra no vestiário?” “Não, são mulheres, porque têm capacidade de trabalhar desta forma. Porque são boas no que fazem”. Não importa se dentro de um clube onde só tem categorias masculinas ou dentro de um clube onde só se trabalha com mulher. O que importa é a sua capacidade. Então essa avaliação tem sido positiva e no passar dos anos eu tenho visto que tem sido uma crescente muito grande.

M.L. – Renata, qual a sensação de ter sido eleita a segunda melhor árbitra do mundo pela *Futsal Planet*⁷ e ter o nome ventilado prá arbitrar a grande final de um Mundial de Futsal Adulto Masculino, em Bangkok, na Tailândia, em 2012?

R.L. – É... O título, né? A questão de ser a segunda melhor árbitra do mundo... é muito bom porque é o reconhecimento do trabalho que você fez. Então você vai lá, faz um trabalho e aí você fica se perguntando: “Será que foi bom? Será que não foi? Será que foi bom? Será que não foi?” Ah, mas seus superiores disseram que foi bom, tanto é que você chegou à decisão de terceiro e quarto e não foi fazer à final, segundo alguns comentários em bastidores, porque o Brasil estava na final. “Beleza!” Aí esse título que vem, ele vem

pelo reconhecimento de pessoas que estão fora dos bastidores, então você tem a certeza plena de que o trabalho que você fez ali foi um bom trabalho. Que você conseguiu mostrar prá todo mundo a capacidade técnica, a capacidade física, que você era uma boa árbitra, e outra coisa, você conseguiu mostrar para as outras pessoas que mulheres têm condições de estarem ali. Então essa é a importância desse título, vamos dizer assim, quando ele aconteceu. Esse ano, no *Futsal Planet*, nós tivemos nomes de outras mulheres relacionadas; até então, nós não tínhamos tido nenhuma mulher cogitada nessa avaliação. Primeiro são dez nomes de árbitros escolhidos e depois sai à votação final. Mas esse ano, por exemplo, nós tivemos a árbitra do Chile, a Val, e ela foi, senão me engano, ela ficou em quinto lugar ou em sexto lugar na votação do *Futsal Planet*. Então isso é muito bom porque a gente começa a ver que as mulheres tão aparecendo, não morreram ali em 2012. Elas... Ali em 2012 nós plantamos uma semente, ela tá sendo, ela foi regada, né, cresceu e agora tá dando novos frutos.

M.L. – Quais são as pessoas responsáveis por essa votação da *Futsal Planet*?

R.L. – Olha, primeiro existe a, vamos dizer assim, a Diretoria de Organização que faz a votação, que faz o direcionamento. São repórteres, são escritores de blogs, são Dirigentes de Clubes e aqui no Brasil, por exemplo, eu sei que um dos nomes que vota no *Futsal Planet* é o Marcelo Rodrigues, é o Daniel Pereira, porque eles acompanham não só competições nacionais, como internacionais também. Então eu sei que vai muito por esse lado de repórteres, de Dirigentes – lá fora eles chamam de Chefes de Delegação, que são os nossos Supervisores aqui.

M.L. – Como é para você ser ídolo, ser referência, para inúmeras mulheres que adentram no mundo da arbitragem e que vivenciam os vários desafios inerentes a esta função?

R.L. – É... vamos dizer que não me dou muito bem com essas duas palavras, né? Você é ídolo, você é referência... Quando as pessoas dizem prá mim: “Você é referência no que eu faço”, eu fico feliz porque eu sei que o meu trabalho ali foi bem feito e as pessoas reconhecem isso, mas ao mesmo tempo me dá um grande medo porque é uma grande

⁷ O AGLA Futsal Awards é a premiação anual do futsal mundial. A premiação levava o nome “Umbro”, até 2012, quando o prêmio passou a ser patrocinado pela AGLA. O prêmio é chancelado

responsabilidade, né? É uma grande responsabilidade, por quê? Porque primeiro a pessoas tá se espelhando em você e o espelho tem que ser positivo. Então eu busco sempre tá no... dentro do meu, dentro da minha capacidade, dando, no mínimo, cem por cento prá que as pessoas que me olham como referência possam ver: “Oh. Não. Isso aqui, oh. Ela fala que tem que correr, mas ela corre; ela fala que tem que ter coragem na hora de meter a mão no bolso e puxar o cartão, não importa camisa, não importa isso e aquilo outro e ela faz; ela fala que determinadas horas é melhor trocar um cartão por um grito e ela faz - não é que ela esteja administrando o jogo, mas é que ela, naquele momento, visualizou que o cartão poderia estragar o jogo - então ela vai lá e dá bronca”. Então eu procuro ser sempre um espelho, um espelho da minha própria fala, porque da mesma forma que eu sou referência, eu posso ser decepção, eu posso gerar em outras pessoas decepção e eu não gostaria disso, porque eu me decepcionei com alguns ídolos e isso não é positivo.

M.L. – Você viveu, acho, um turbilhão de emoções, de tensões, de alegrias, angústias, né, durante a tua estadia em Bangkok, na Tailândia, para gerenciar, para mediar as partidas do Mundial... Poderia narrar algo que foi marcante, que você vai levar prá tua vida enquanto pessoa, não apenas como a árbitra Renata?

R.L. – É... um dos fatos... Tem dois pontos muito marcantes, na estada em Bangkok, com relação a essa questão que você coloca de gerenciar emoções, né? Eu era uma mulher no meio de homens e todo mundo diz que homem não chora e nós somos emotivamente mais explícitas, vamos dizer assim. A gente tende a dar as emoções mais fluência, então você chora com mais facilidade e eu tentei ser em Bangkok... é... firme como os homens, duro como os homens, mas sem perder a essência do lado feminino. Então eu passei no teste físico, chorei, mas chorei dentro do meu quarto; eu vi a minha credencial em cima da mesa, tive vontade de chorar, mas eu guardei aquela emoção para chorar dentro do meu quarto; só que em alguns momentos não dava. Então, à noite, que a gente chega da decisão, acho que era das oitavas de final... todos os árbitros chegam das oitavas de final e a gente fica até duas horas da manhã na frente de uma sala com a porta fechada esperando o último árbitro chegar prá poder eles abrirem a porta e a gente entrar e ali a gente descobrir quem são os vinte árbitros que vão para casa e quem eram os outros dezoito que iam ficar. Isso era muito torturante, muito angustiante, porque primeiro você tinha que lidar com o sono e

pela FIFA e contempla dez categorias, dentre elas, a de melhor árbitro/a de futsal.

com o cansaço – eram duas horas da manhã; segundo, alguns que já tinham vindo de outros mundiais já sabiam que iam embora, porque eles pegaram os códigos de localização da reserva do vôo e foram buscar na agência e já viram que a passagem deles tinha mudado - só que eu não sabia nada disso. Ninguém tinha me falado disso, então prá mim ainda era incerteza se eu fico, se eu vou, se eu fico, se eu vou... o desejo era de ficar, né? Tinha o quê? Era 2008... nenhum brasileiro ficou na fase de classificação. Os brasileiros que nós tínhamos voltaram prá casa depois da primeira fase. O último brasileiro que tinha ficado numa fase de classificação tinha sido Noildo Paixão, por coincidência, baiano, por coincidência, nordestino. Então já era um espelho, já era mais um motivo de dizer: “Não. Tenho força para ficar aqui!” e aí eles abriram a sala, colocaram a gente prá dentro e eu tinha uma ligação muito grande com um árbitro cubano, o Cabrera, e eles começam a dar os cortes. Eles começam pela Oceania, que era a posição que nós estávamos sentados na mesa - era uma mesa em U. Então eles começaram: Oceania, depois África, depois Ásia... *Não!* Era Ásia, Oceania, África, UEFA⁸, CONCACAF⁹ e o último era a CONMEBOL e era por ordem alfabética. Então o meu nome teria que ser o último a ser dito, porque todo mundo tinha nomes antes do meu e aí ele foi falando, foi falando, foi falando... Quando ele falou da CONCACAF, que o Cabrera ficou, os meus olhos já encheram de lágrimas pela felicidade dele e ele já chorava - nessa hora ele já tava de cabeça baixa chorando - e aí ele veio, veio, aí ele disse o nome do Daniel Rodriguez, o árbitro do Uruguai; aí eles falaram o nome do Hector Rojas, do Peru; do Jaime Rativa, do Equador, e aí ficou aquele silêncio. “Putá que pariu. Será que... Acabou?” aí eles falaram a Renata Leite, do Brasil. Aí naquela hora eu desmorenei, né? Baixei a cabeça e eu não contive o choro... Depois disso eles liberam as pessoas, parabenizam, outras ficam revoltadas porque acham que são melhores do que os outros, e ao me abraçar com o Cabrera, nós dois juntos choramos muito. Então essa parte do Mundial prá mim foi muito, *muito forte*. E dali por diante as emoções, elas começaram a ser mais pesadas porque os jogos foram mudando de fase, melhorando, a final foi chegando, o momento de vim embora foi chegando... o momento da última premiação que seria tá na decisão de terceiro e quarto ou na final, vinha chegando, e de dezoito nomes, eram apenas cinco árbitros prá uma coisa e cinco árbitros prá outra. Então... ia ser ali o corte, né? Ficavam oito de fora e dez iam receber os prêmios finais. E aí

⁸ Union of European Football Associations que em português significa União das Federações Europeias de Futebol.

⁹ Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football – Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe ou Caraíbas.

saiu o meu nome na decisão de terceiro e quarto. Terminou o jogo, fui pro camarim, tomei banho - os meninos tavam se trocando... como eram dois vestiários e só tinha eu para tomar banho de mulher, eu tomei banho, troquei de roupa, coloquei o terno e me sentei na cadeira do camarim de cabeça baixa e aí eu não contive mais, porque aí, realmente, nesse momento, eu acho que a ficha caiu. Aí passou a fase de treinamento, que eu dei a sorte de começar no Nordeste, no mês de agosto lá no Piauí; depois da fase de treinamento, eu fui direto prá uma competição na Paraíba e a fase de treinamento nos outros cantos, sabe? São Paulo, eu fui prá Cuiabá nesse mesmo semestre, antes de ir pro Mundial. Os treinos fortes e as dificuldades no Mundial, as dificuldades com a língua, alimentação – eu já tinha perdido sete quilos, desde que eu tinha chegado lá - cheguei com cinquenta e sete e já tava com cinquenta quilos... Então tudo isso era muito difícil e aí vai passando esse filme e aí você lembra do primeiro jogo, do segundo, aí você lembra do grande jogo entre Itália e Portugal, que o jogo tava ganho por Portugal e aí a Itália foi buscar, foi prá prorrogação e na prorrogação ganhou e teve expulsão de jogador, teve expulsão de treinador, os dois treinadores expulsos... e aí foi passando *tudo aquilo, tudo aquilo, tudo aquilo* e eu comecei a chorar. De cabeça baixa comecei a chorar e as lágrimas começavam a pingar no chão e de repente apareceu, no meio de minhas pernas, dois sapatos, dois sapatos sociais e... era como se eu soubesse quem tava ali, né? No Mundial, cada Confederação tem um instrutor que toma conta. Então o instrutor da CONMEBOL, que foi ele que tomou conta da equipe da CONCACAF, e o instrutor da CONCACAF, que tomou conta dos árbitros da CONMEBOL... ele era uma pessoa muito atenciosa, o Vitorino, e aí ele parou assim... Quando ele parou, eu levantei a cabeça, ele olhou prá mim e ele fez assim: “Chore! Chore! Ponha prá fora, porque você é merecedora de tudo isso. Você pode colocar prá fora todas as suas emoções agora, porque o que você fez, você ainda não tem noção, mas você deu um grande passo no cenário feminino. Você deu um grande passo prá arbitragem. Você deu um grande passo no futsal. Pode colocar prá fora!” Aí eu me levantei, me abracei com ele e aí foram muitas e muitas lágrimas... Depois disso os meninos foram saindo, né? O Catemo, que foi um árbitro de Angola que teve comigo desde o começo também; o Scott, que pode se dizer que foi meu anjo sem asas, porque me acompanhou em meu teste físico. Foi ele que largou comigo e chegou comigo e durante o tempo que eu tive lá ele fez questão de estar sempre junto prá mim dá força... E eles olhavam prá mim assim, com uma cara que... né? “Obrigado, porque você fez com que a gente entrasse prá história!” e na verdade eu olhava prá eles e dizia assim: “Obrigada por me acompanhar durante esse

tempo todo, porque talvez sem vocês, eu não tivesse conseguido chegar aqui”. E nós recebemos as medalhas dos instrutores e nesse momento aí eu esqueci que eu tava no Mundial. Parecia que eu era criança, que tinha ganhado a minha primeira bicicleta, que era tudo o que eu queria e... chorei, chorei, chorei, chorei, chorei, chorei que nem criança. Então esses dois momentos aí no Mundial foram os momentos que mais me marcaram, mais me tocaram. Marcaram mais do que os jogos... Assim, eu tenho, eu consigo fechar os olhos e lembrar desses dois momentos: lembrar do abraço com o Cabrera e lembrar do momento ali parado, eu e o Scott, conversando, agradecendo um ao outro por tudo que a gente tinha feito naquele momento ali prá que os dois chegassem naquele ponto [emocionamo-nos].

M.L. – Se você hoje pudesse usar uma palavra prá definir esse momento teu no Mundial, qual seria essa palavra?

R.L. – [pensativa] *Sonho!* Seria isso. O Mundial foi um sonho. Eu não sei se outras mulheres vão ter a oportunidade de ter o mesmo sonho ou de ter o sonho delas, mas, no meu caso, o Mundial foi um sonho que de certa maneira eu nunca sonhei, porque eu não imaginei que pudesse ser capaz. E quando chegou a notícia que ia ser capaz, aí eu disse: “Não, então eu vou transformar o sonho em realidade!” e fui atrás.

M.L. – Você me disse, extra entrevista, que colocou como meta pro Mundial, que apenas voltaria para casa no último dia possível, né? E você colocou no seu diário do Mundial, né, você botou lá uma frase que me chamou atenção: “Matando um leão por dia!”...

R.L. – É. Eu sabia que existia a possibilidade de voltar no primeiro corte, mas que dependendo do trabalho que fosse feito, eu não voltaria, porque eles não seriam injustos. Então eu tinha que... ali eu tinha... ali se eu mostrasse serviço, o serviço seria valorizado. Então a primeira coisa é você fixar sua meta. “Qual era a minha meta? Voltar no último dia”. Então prá voltar no último dia, eu tinha que ser mais do que cem por cento todo dia. Até no dia que eu não tinha jogo, eu tinha que ser cem por cento. Então eu tinha que ser cem por cento nos estudos, eu tinha que ser cem por cento no treinamento físico, eu tinha que ser cem por cento no companheirismo - que eles dão muito valor a essas coisas... então eu tinha que ser cem por cento. Então todo dia eu acordava com a certeza que eu ia

encontrar um leão quando eu abrisse a porta daquele quarto e que eu ia duelar com ele até a hora que eu voltasse prá aquele quarto e fosse dormir e que no final desse duelo, se eu não conseguisse matar esse leão, se eu não conseguisse vencer, eu taria longe da minha meta e como eu queria *muito* voltar prá casa só no último dia, prá honrar minha... meu país, prá, né... prá honrar minha região - afinal de contas o Noildo apitou a final do Mundial. Ele foi o único árbitro FIFA brasileiro a fazer uma final de Mundial e depois disso outra nordestina tava indo, porque eu era radicada em São Paulo, mas eu sou nordestina. Na minha veia corre sangue nordestino, não corre sangue sulista e eu queria muito. Então eu coloquei isso como meta e eu olhava pro horizonte e via a meta e dava um passo por dia, porque eu sabia que se eu corresse eu ia tropeçar. Então o ideal era subir um degrau por dia prá não me cansar, prá não tropeçar e prá não cair.

M.L. – Renata, dentro do que nós conversamos ao longo da entrevista, tem algo que você queira externar, que a gente não tenha falado, que você acha importante ser externado, que ainda cabe ser dito ou rememorado?

R.L. – Olha, uma coisa que eu acho que merece ser dita é que aonde a Renata chegou é *mérito dela, é mérito dela*, mas eu tenho... Na minha história eu tenho anjos que me acompanharam: o Héرتون Soares e o Bosco, que me deram oportunidade do primeiro jogo, certo?

M.L. – Camisa branca...

R.L. – É. Com o nome escrito *árbitro*... A Risomar, minha professora de Educação Física lá da escola, lá em Monteiro, quando eu era uma criança, por toda paixão que ela me passou pelo esporte. Com o passar do tempo, as pessoas que me apareceram prá ensinar: o Ivan Fernandes, um árbitro paraibano que todo mundo conhece como Pitombão. Ele é uma lenda porque ainda tem uns setenta anos, mas apita melhor que muito moleque novo – ele me ensinou muito. Pessoas que passaram na minha vida como árbitras, sabe? A Ana Lúcia, que foi responsável por uma parte da lapidação da Renata, porque eu era meio estabanada e a Ana sempre teve como característica a tranquilidade dentro de quadra, né? Ela... parecia que o mundo ia se acabar e a feição dela não mudava. Raramente ela perdia o controle no jogo. Então aprendi muito com ela. As dicas da Jaqueline Camarota, que foi uma das

primeiras árbitras a trabalhar e foi junto com a Railda, a primeira pessoa que eu vi arbitrando. Então, sem querer eu me espelhei na pessoa que depois viria ser minha grande companheira dentro de quadra, né? Um espelho também dentro da quadra. E... [pensativa] a base do sonho da arbitragem feminina que tem o Diretor, né, que foi o Diretor Paraguassu que criou o quadro, mas o sonho mesmo, o desejo, à vontade, foi da Inês, que amou e eu acredito que ainda ama muito o futsal feminino. Então ela brigou tanto por nós que fez com que o Mundial em 2012 se tornasse real, que a Giselle, em 2008, se tornasse real. Então todos... tudo o que nós agregamos em nossa carreira durante esse tempo tem a assinatura da Inês, né? No meu caso tem a assinatura do Bosco, tem a assinatura do Héرتون, do Pitombão, tem a assinatura dos ídolos que você não tinha proximidade, mas você assistia. Parte de minha carreira eu vi muito e ouvi muito o Daniel Pomeroy apitando. Prá mim é um ícone e é um grande defensor da arbitragem feminina, porque quando o Daniel Pomeroy foi Diretor do quadro nacional, ele colocou *todas* as árbitras do quadro nacional que estavam nos estados que tinham jogos, prá dirigir jogos da Liga Nacional. Então ele deu oportunidade a todas. Ele trouxe a Alane do Ceará para São Paulo, porque Alane seria a única FIFA que não tinha dirigido jogos da Liga Nacional. Ele comprou a passagem da Alane com condições do próprio bolso e trouxe prá cá prá dirigir dois jogos prá que ela não fosse diferente das outras, prá que ela mostrasse que ela tinha capacidade, que ela não tava usando aquele escudo só de graça. Então esse cara é um cara que a arbitragem feminina *nunca* pode esquecer, certo? Então a Inês e esse cara são duas pessoas que a gente não pode esquecer nunca. A Inês, por ter brigado e por ter sonhado, e esse cara por *sempre* ter lutado pela gente.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

R.L. – Os pontos positivos... trabalhar numa coisa que você gosta, que você ama, num esporte no qual você foi jogadora, então você entende as dificuldades dentro de quadra e fora de quadra, porque você já conheceu essa realidade. Ponto negativo? É... eu acredito que ser mulher nesse ambiente masculino venha a ser um ponto negativo, porque você sempre tem que tá provando, provando, provando que pode, sabe? Que consegue, que é melhor. Você mata um leão a cada dia e parece que isso não é suficiente e você tem que matar mais e mais. Acho que esse é o ponto negativo de ser uma mulher nesse espaço masculino.

M.L. – Renata, eu quero aqui te agradecer pela entrevista, pelos arquivos e materiais cedidos... Dizer que partilhar de seu conhecimento é algo fantástico, da minha admiração...
[choro da entrevistadora]

R.L. – Ih... Chorou!

M.L. – Chorou!

[FINAL DA ENTREVISTA]